

artur lescher

porticus

galeria

nara roesler

Apolinário, 2014

latão ed 1 PA (edição de 5 + 2 PA)

400 x 100 cm

Após Antony Gormley, Francesco Vezzoli e Carlos Cruz-Diez, é a vez de **Artur Lescher** exibir seus trabalhos na magnífica arquitetura do Palais d'Iéna. Esta exposição apresenta uma visão transversal das obras de Lescher em termos de sua ressonância com certas características do distinto edifício de Auguste Perret, inaugurado em 1939 e que agora serve como sede do Conselho Econômico, Social e Ambiental (CESE). Todas as esculturas e instalações apresentadas provêm de coleções brasileiras ou foram feitas especialmente para a exposição. Elas dialogam com o classicismo moderno dos espaços monumentais de Perret: a poderosa colunata do salão hipostilo, o hemicíclo e a escadaria. Em contato com a estética dos trabalhos de Artur Lescher, estes volumes, embora dentro do espaço, revelam-se intrinsecamente como espaços de grande abertura, articulação e energia.



vista da exposição -- foto benoit fougeirol © 2017



vista da exposição -- foto benoit fougeirol © 2017



vista da exposição -- foto benoit fougeirol © 2017

Rio Máquina, 2009 / 2017 -- madeira e feltro ed úncia -- 500 x 525 x 200 cm



vista da exposição -- foto benoit fougeirol © 2017



vista da exposição -- foto benoit fougeirol © 2017

Pivos chicos, 2014 -- latão ed 1 PA -- 40 x 1,5 x 1,5 cm

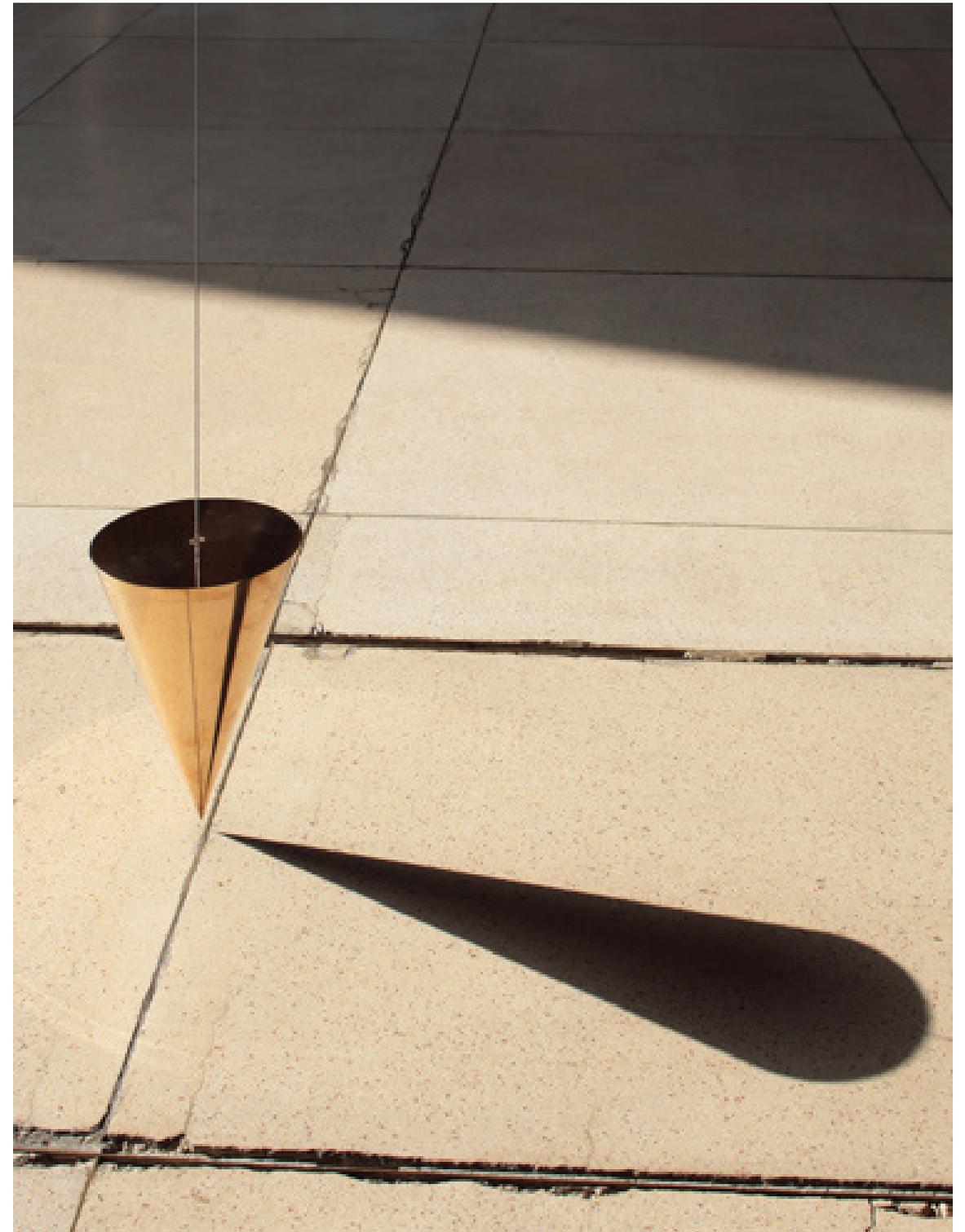


vista da exposição -- foto benoit fougeirol © 2017



Zuz, 2012
latão e cabo de aço ed PA 1
220 x 25 cm

Prumo, 2011 -- bronze e cabo de aço --edição de 15 -- 22 x 15 x 15 cm



vista da exposição -- foto benoit fougérol © 2017

Ziggurat, 2012
latão ed 1 PA (edição
de 5 + 2 PA)
220 x 12 cm



Mixirica, 2016
latão ed 2 PA (edição de 5 + 2 PA)
220 x ø 0,15 cm





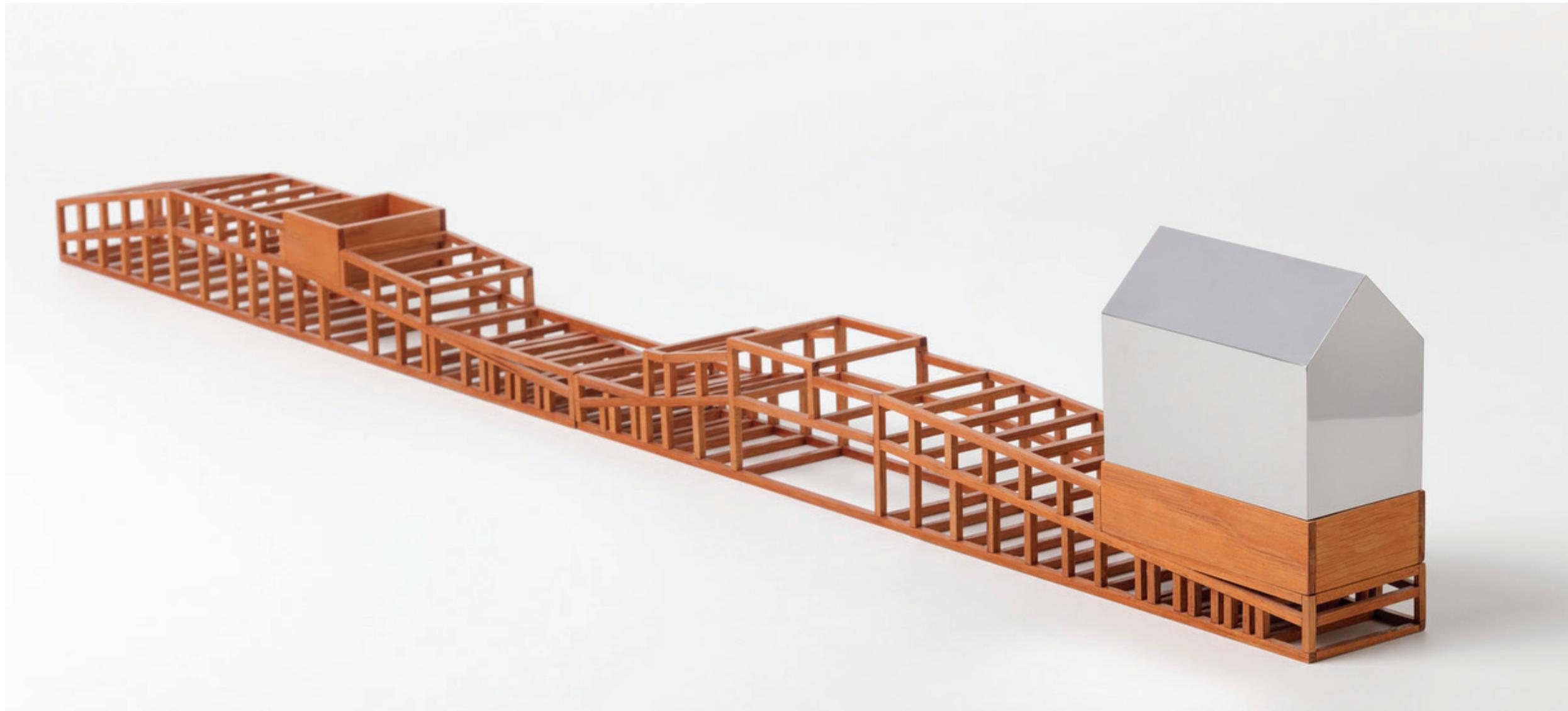
Grande Marco, 2016
latão e linha de multifilamento ed 3/5 + 2 PA
variable dimensions

Segulot, 2016
latão ed 2/5 + 2 PA
220 x Ø 0,15 cm





Nostalgida do Engenheiro: Casa Se movente, 2003
aço inox ed única
15 x 7,8 x 12 cm



Nostalgia do Engenheiro: Maquete Se movente, 1989
madeira
67,5 x 24,5 x 11,5 cm



Fuso # 02, 2013
alumínio anodizado preto ed 1 PA (edição de 5 + 2 PA)
300 x 12 cm

Agulha # 23, 2007
madeira e cabo de aço ed 2/3 + 1 PA
300 x Ø 15 cm





Pêndulo # 01, 1998
madeira, cobre, cabo de aço e azeite ed 4/5 + 2 PA
220 x 16 cm



Nostalgia do Engenheiro: Troféu, 2013
latão e aço inox ed unique
23 x 8.8 x 4 cm



Nostalgia do Engenheiro: Trompo, 2014
alumínio cromado banhado em azul ed 7/10 + 1 PA
25 x 20 cm

Nostalgia do Engenheiro: Hikoboshi, 2016
alumínio ed 1/5 + 2 PA
3 partes de 40 x 12 x 12 cm (cada)





Finial 1, 2017
latão
52 x 40 x 40 cm

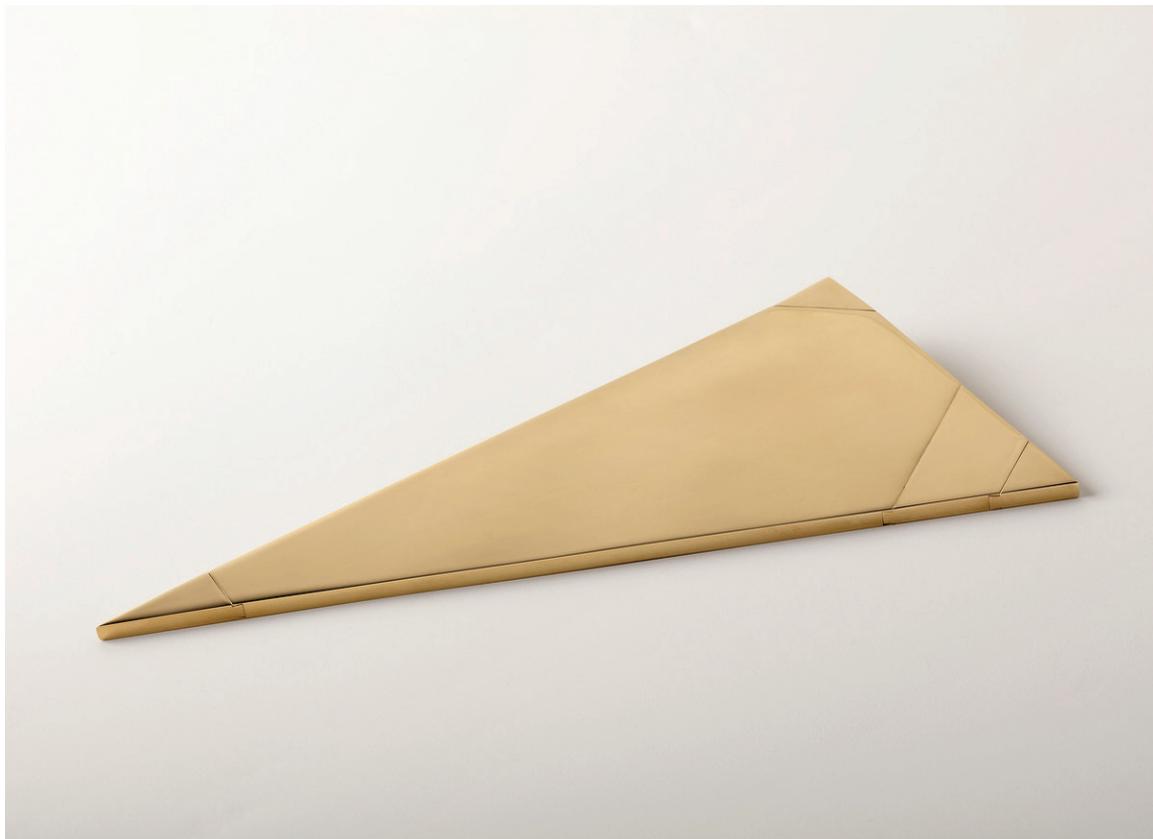
Finial 2, 2017
alumínio
64,3 x 40 x 40 cm



Finial 3, 2017
alumínio e latão
42 x 40 x 40 cm



Finial 4, 2017
alumínio e latão
42 x 40 x 40 cm



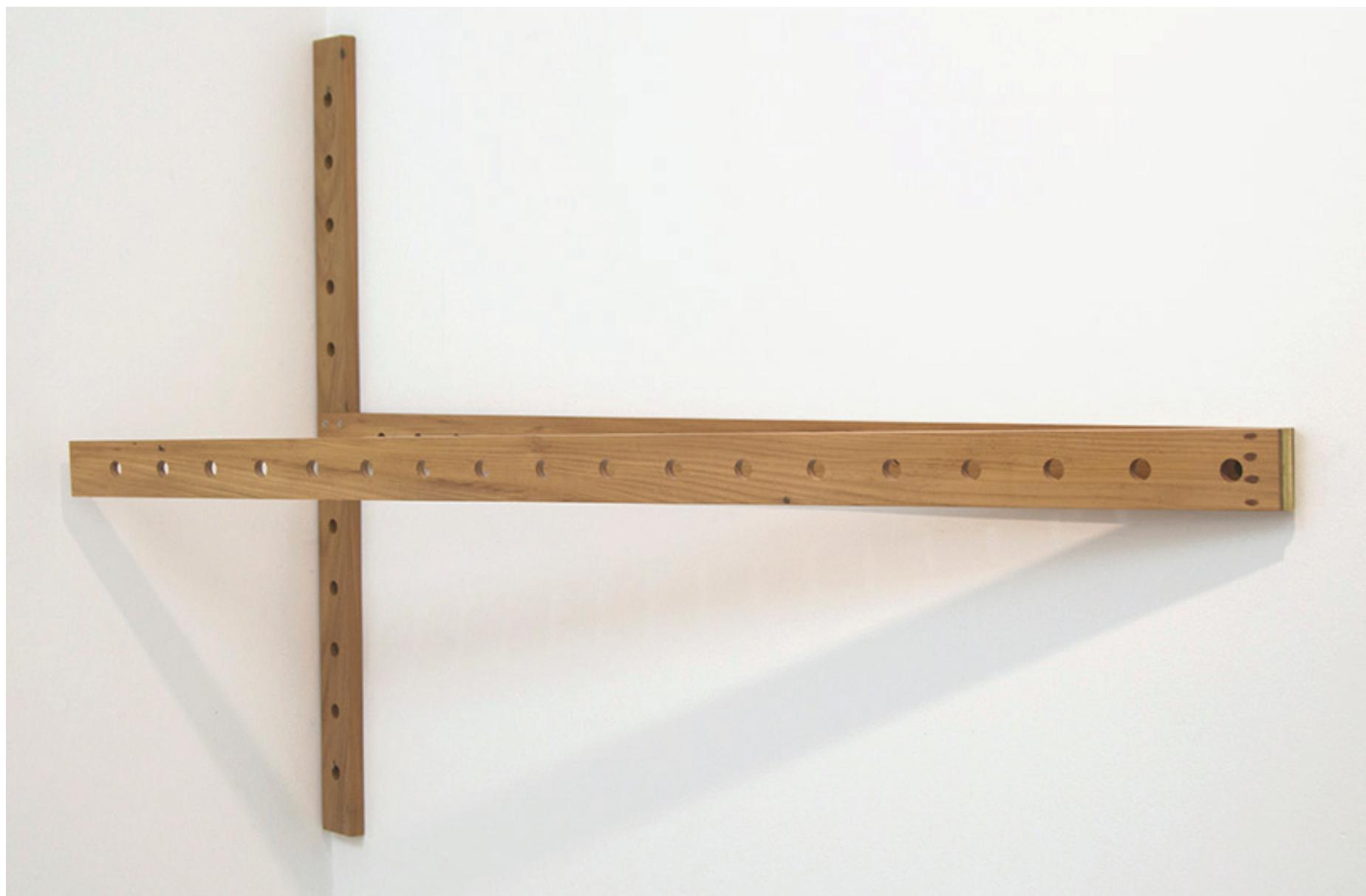
Nostalgia do Engenheiro: Chirico # 03, 2015
latão ed 1/5 + 1 PA
18 x 40 cm

Nostalgia do Engenheiro: Chirico # 04, 2015
latão ed 01/05
30 x 40 cm





Nostalgia do Engenheiro: Pantográfica, 2015
madeira e latão ed 2/5 + 1 PA
5 x 102 x 68,5 cm



Régua 2015
madeira e metal ed 1/5 + 2 PA
107 x 307,5 x 1,5 cm

Nostalgia of the engineer: Leque, 2014
latão e inox ed 03/10 + 1 PA
40 x 3,6 cm





Nostalgia do Engenheiro: Sem Título, da série Nexus #04, 2016
aço inox ed 1/15 + 2 PA
13 segmentos de 10 x 2 cm (cada)



Nostalgia do engenheiro: Sem título, da série Iberê, 2013
madeira ed PA 1
2 partes de 21 x 14 cm



Nostalgia do engenheiro: Sem título, da série Dardo # 04, 2014
latão cromado banhado em azul ed 25/25
25 x 1,5 cm

Sem título # 04, da série Metaméricos, 2008
madeira e metal ed 2/3 + 2 PA
5 segmentos de 180 cm (cada)



Porticus

Após Antony Gormley, Francesco Vezzoli e Carlos Cruz-Diez, é a vez de Artur Lescher exibir seus trabalhos na magnífica arquitetura do Palais d'Iéna. Lescher, nascido em 1962 em São Paulo, onde ainda vive e trabalha, alcançou considerável reconhecimento pelo Atlântico desde os anos 80, notavelmente por sua relação com o neoconcretismo, importante movimento de arte abstrata nutrido pelo cognitivismo e pela fenomenologia da percepção. Esta exposição apresenta uma visão transversal das obras de Lescher em termos de sua ressonância com certas características do distinto edifício de Auguste Perret, inaugurado em 1939 e que agora serve como sede do Conselho Econômico, Social e Ambiental (CESE). Todas as esculturas e instalações apresentadas provêm de coleções brasileiras ou foram feitas especialmente para a exposição. Elas dialogam com o classicismo moderno dos espaços monumentais de Perret: a poderosa colunata do salão hipostilo, o hemiciclo e a escadaria. Em contato com a estética dos trabalhos de Artur Lescher, estes volumes, embora dentro do espaço, revelam-se intrinsecamente como espaços de grande abertura, articulação e energia. Ao retomar, desta forma, o modelo inicial do "porticus" clássico e seus aspectos democráticos, o artista abre simbolicamente o espaço à exterioridade e, em um registro mais íntimo, à mecânica perceptiva do espectador.

O trabalho escultural de Artur Lescher está, de fato, intrinsecamente relacionado ao espaço arquitetônico. No presente caso, ele dialoga com um edifício de sobriedade marcante, o qual, no entanto, não poderia estar mais longe do neutro "cubo branco" onde obras de arte são rotineiramente expostas em museus, galerias e centros artísticos. De fato, o estilo do arquiteto franco-belga é caracterizado por seu uso de materiais não refinados, isto é, sem adornos ou pintura – como o concreto reforçado processualmente tingido em vários tons de rosa. Isso proporciona uma ampla variedade de efeitos de textura aos olhos e às mãos, para não dizer nada sobre os diferentes metais utilizados nas juntas, bordas, beirais e tiras. Os trabalhos do artista brasileiro atuam como um poderoso eco dessas qualidades, com suas formas regulares, superfícies refletoras e o modo precisamente calculado em que são dispostos junto a vários instrumentos de medida, como réguas, linhas de prumo ou canetas de precisão. O papel crucial desses elementos supera o desenho sofisticado ou o mero ornamento: eles formam, estruturam, dão ritmo e modulam a potência geral do local, com sua geometria rigorosa e blocos massivos. Para o escultor, é uma questão de despertar a relação dos materiais com o espaço e, assim, expor suas propriedades intrínsecas e revelar seus significados. Embora o artista rejeite qualquer intenção figurativa ou representacional em sua prática, ele concebe as obras como "cápsulas carregadas de atributos" – bem como muitas delas, feitas de metal, cujos reflexos e ondulações evocam luzes sobre superfícies aquáticas, ou ainda o modo como são

suspensas, concebendo-se uma paisagem de eventos, constantemente renovada enquanto andamos e mudamos o ângulo de nosso olhar.

Tão purificadas quanto finamente elaboradas, a qualidade principal das obras de Artur Lescher é que elas produzem um campo de força tangível, de natureza magnética, pode-se dizer, considerando os metais que ele utiliza (cobre, latão e outros), e, sobretudo, de natureza perceptiva. Com efeito, seus trabalhos buscam conectar e articular os vários espaços e materiais no importante edifício de Perret. Embora suas qualidades formais os tornem objetos autônomos passíveis de pura contemplação, eles, não obstante, tornam-se catalisadores que modificam ou renovam nossa leitura da arquitetura. Também revelam a polaridade de nossa visão, fazem-nos sensíveis ao modo como nossos olhos e nossos corpos são conduzidos pelas forças invisíveis mas eficientes que surgem da tensão entre a arquitetura e a escultura, o meio e o objeto – lembrando-nos, incidentalmente, de que o Palais d'Iéna foi, até 1955, um museu de Obras Públicas, utilizado para exibir ferramentas, instrumentos e máquinas.

Desejei assim que fosse o Palais d'Iéna – o qual a poderosa geometria levou Emmanuel de Thubert a dizer, em 1939, "aqui é onde está a duração" – a acolher o sutil equilíbrio mecânico das obras de Artur Lescher; como, por exemplo, seus Pendulums, que evocam instrumentos que propositadamente revelam fontes magnéticas ou hipnotizantes. Sua simetria alongada e suspensão zenital dão o efeito de modulação sobre o espaço ao redor e inscreve sua própria geometria sobre a geometria do espaço. Quanto à escada monumental de Perret, ela é transformada por um pedestal serrilhado, suportando, não da forma como se esperaria, uma escultura, mas, à maneira de Brancusi, outros pedestais idênticos, que gradualmente diminuem de tamanho. O efeito resultante é que a sensualidade austera da escadaria se torna um instrumento de especulação sobre as variações de pontos de vista e sobre a tradicional relação entre pedestal e obra de arte, altura e valor, poder e submissão. Outro trabalho especialmente criado pelo artista para o hemiciclo também irá questionar essa relação.

Como mencionado acima, os trabalhos de Artur Lescher são compostos essencialmente de madeira, latão, tecidos, pedras ou cobre, que são cuidadosamente elaborados – hesita-se em dizer "fabricados", pois distorceria o método profundamente artesanal do autor. Em sua simetria central e arranjo delicado, a forma cônica alongada de alguns deles ecoa as colunas massivas e multifacetadas de Perret, com as quais coexistem de várias formas diferentes no imenso salão hipostilo do Palais d'Iéna. Aliás, Perret modelou a forma como suas colunas gradualmente se inclinam em direção ao topo, como o tronco de uma palmeira. Uma imponente escultura feita de madeira e feltro cinza envolve o mesmo princípio. Ela considera o fluxo rítmico

e contínuo de impressão como o eco de uma onda na água ou uma onda sonora. A escultura de Artur Lescher pode ser pensada como o transmissor ou o fruto de uma escrita. Mas não é uma escrita usual, que visa o discurso e a falta de ambiguidade. Pelo contrário, ela nunca é fixa, definitiva ou autoritária; é espacial, flutuante e heraclitiana – enquanto é formulada, dissolve-se sob os olhos do espectador.

A linguagem artística de Artur Lescher, embora radicalmente abstrata, presta-se à ressonância semântica e à interpretação. A este respeito, cada uma de suas obras é portadora de uma estranha tensão simbólica: por exemplo, quando o artista aponta a proximidade formal de suas formas delgadas com as partes superiores de edifícios religiosos ou até cabeças de mísseis. Inicialmente formado em Filosofia, Lescher nos remete tanto à força da experiência estética quanto à sua fugacidade. Ele também nos lembra dos imperativos de troca e de diálogo que residem em todas as construções, quer sejam estéticas ou religiosas, sociais, econômicas ou, no sentido primário da palavra, ambientais; em outras palavras, pede por uma compreensão completa do que nos rodeia, seja perto ou longe.

Matthieu Poirier

sobre **Artur Lescher**

Artur Lescher (n. 1962, São Paulo, Brasil) vive e trabalha em São Paulo. Há mais de trinta anos, Lescher apresenta um sólido trabalho como escultor, resultado de uma pesquisa em torno da articulação de matérias, pensamentos e formas. Neste sentido, o artista mantém um diálogo bastante singular, ininterrupto e preciso com o espaço arquitetônico e o design, sendo a escolha dos materiais, que passam pelo metal, pedra, madeira, feltro, saís, latão e cobre, elementos fundamentais para reforçar a potência deste discurso.

Ao mesmo tempo que o trabalho de Lescher está atrelado fortemente a processos industriais, atingindo requinte e rigor extremos, sua produção não tem por fim único a forma, está além dela. Essa contradição abre espaço para o mito e a imaginação, ingredientes essenciais para a construção da Paisagem mínima de Lescher.

Ao escolher nomear obras como *Rio Máquina*, *Metamérico* ou *Inabsência* (Projeto Octógono, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2012), Lescher propõe uma extensão do trabalho, sugerindo uma narrativa, por vezes contraditória ou provocativa, que coloca o espectador em um hiato, em um estado de suspensão.

Artur Lescher participou das edições de 1987 e 2002 da Bienal de São Paulo e da edição de 2005 da Bienal do Mercosul em Porto Alegre, Brasil. Expôs em diversas mostras na América Latina, na Europa e nos Estados Unidos, além de duas mostras individuais no Instituto Tomie Ohtake (2006), em São Paulo, e no Palais d'Iéna, (2017), em Paris.

